



Mafalda T. Pereira

"Trogles" em grego significa gruta e este foi o nome, adequado, diga-se de passagem, que a Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente (AESDA) escolheu para a sua revista. Esta é a segunda publicação do género desta associação formada em 1992. "Para a primeira revista que fizemos, pedimos subsídios, mas não os conseguimos e por isso a revista teve um tamanho muito reduzido. Para esta, como já conseguimos apoios, já fizemos maior e com outro aspecto gráfico", salientou Rui Luis, presidente da Associação. O Instituto de Promoção Ambiental (IPAM) aprovou o projecto em 100 por cento, "por eles davam o dinheiro todo, mas como depois não têm dinheiro para dar a todos os projectos, mandaram um corte em todas as propostas apresentadas e acabámos por receber menos de metade do que estava previsto". Além deste subsídio, a AESDA contou também com o apoio da Câmara Municipal de Torres Vedras. "Mesmo assim, se quiséssemos agora, já tínhamos artigos para fazer uma nova revista. Porque andamos sempre a publicar trabalhos que já fizemos e alguns há bastante tempo". Sem querer que a revista seja demasiado técnica, "queremos que a população em geral se interesse por estes temas", a Trogles desenvolve temas como as Minas Romanas de Valongo, que são umas minas

de ouro que foram exploradas pelos romanos e feitas pelos escravos, "toda a mina foi escavada pelos escravos, os poços e os túneis são todos quadrados, pois eles limitavam-se a seguir o filão de ouro". Ao saberem da existência destas minas através de outra associação de espeleologia, "fomos de tenda às costas e fizemos um estudo topográfico completo e um pequeno estudo hídrico, porque por enquanto ainda não temos nenhum geólogo a trabalhar connosco".

Grutas nos Cucos

O segundo tema explorado nesta revista é o Algar do Bom Santo, "que descobrimos em 1994. O artigo que sai na revista é escrito por uma associada nossa que é também quem está a coordenar este trabalho do IPPAR. No fundo explica o resultado das escavações arqueológicas".

Mas aqui bem perto, e talvez haja quem não conheça, são as grutas dos Cucos. "Como é um maciço pequeno, as grutas também são pequenas. Desde que publicámos a revista já descobrimos mais duas grutas, ainda não se sabe muito bem quantas são. E publicamos também os mapas de acesso, porque são grutas sem nenhum interesse em especial, são grutas que estão a morrer porque não têm água." Já no caso do Algar do Bom Santo, "nunca publicámos em nenhuma das revistas

Revista de espeleologia editada em Torres Vedras

Trogles

o local, porque a importância ecológica que tem não permite que se diga a localização, porque podem estragar alguma coisa."

De vento em popa, é a descrição de Rui Luis para a situação da AESDA actualmente. "Estivemos muito bem em 95, depois houve pouca aderência de novos sócios e agora estamos muito bem, temos cerca de 80 sócios, sendo que destes 20 estão bastante activos." Uma das dificuldades da Associação, na opinião do seu presidente, é a dificuldade em se mostrarem mais ao exterior, em fazerem acções que cativem novos sócios. "Se em vez de 20, fossemos 40, já nos podíamos desdobrar em em várias actividades, assim acabamos por fazer só aquilo que mais gostamos, que é estarmos fechados nas grutas a fazermos trabalho específico de espeleologia".

Mesmo assim, para Rui Luis, 97 foi positivo. "Com este objectivo de nos querermos abrir mais para o exterior, no ano passado participámos em várias actividades. Uma foi a visita ao Planalto das Cezeredas com o grupo dos Castelos de Risco, outra foi a visita a uma gruta com os escoteiros e por fim fizemos uma exposição de fotografias na escola Secundária Madeira Torres." E não ficaram por aqui "tínhamos placards a explicar o que são as grutas, os bichos que lá existem e fizemos uma demonstração técnica como é que se sobe e desce com os cabos". Para este ano estão já programadas iniciativas do género, mas nunca poderão ser muitas, já que os associados têm dificuldade em se desdobrarem.

Com a sede provisória a funcionar num espaço cedido pelo dono de uma firma, que a qualquer momento pode começar a ser demolido, a direcção da AESDA já encetou contactos com a autarquia torriense, mas propriamente com o pelouro da Cultura, "para ver se conseguimos arranjar um

novo espaço". A vertente científica da espeleologia tem um papel preponderante nas actividades promovidas pela AESDA. Utilizando os campos de estudo representados pela Geologia, Biologia e Arqueologia, a associação aposta na concretização de trabalhos válidos e rigorosos. Na área da investigação científica, a AESDA já estabeleceu diversos contactos com entidades especializadas, em especial com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Centro de Zoologia do Instituto de Investigação Tropical, o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, entre outros organismos do género.

A revista Trogles, com distribuição gratuita, vai ser, através do Instituto Português da Juventude e do Instituto de Promoção Ambiental, enviada para as várias associações portuguesas de espeleologia, universidades e público em geral.

